

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

PLATÃO E O DISCURSO 'DOS POLITICOS': O MENEXENO. A propaganda política de democratização.

Caia Fittipaldi
Universidade de São Paulo

RESUMO: A política em sociedades democráticas contemporâneas exige que se enfrentem os discursos públicos midiáticos e espetacularizados, em que forças conservadoras produzem frases e padrões fortemente ideologizados. O exercício da democracia exige que esses chavões ideológicos sejam desconstruídos e que se construa um discurso de ação e de contrapropaganda, aqui definido como "discurso de propaganda de democratização". No diálogo *Menexeno*, Platão nos oferece uma via exemplar, pela paródia de um tipo de discurso oficial de solenidade política, sua desconstrução e, em seguida, a reversão dos valores ideológicos inicialmente parodiados.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, Democracia, Ideologia, Propaganda.

ABSTRACT: Politics in contemporary democratic societies need the confrontation of spectacular and mediate public discourses, where conservative forces print strongly ideological phrases and patterns. Democracy needs the deconstruction of those ideological clichés for the build of an active and anti-advertised discourse, defined here as an "advertised democratization discourse". In *Menexenus*, Plato offers an exemplar way, parodying a kind of solemnity official discourse, doing its deconstruction and reverting the firstly parodied ideological values.

KEY-WORDS: Plato, Democracy, Ideology, Advertising.

“A democracia é o governo da elite, aprovado pelo povo.”
(Platão, *Menexeno*)

“Como em geral em toda ciência histórica, social, no desenvolvimento das categorias econômicas é preciso ter sempre presente que, seja na realidade seja na mente, o *sujeito* – aqui a *moderna sociedade burguesa* – já está dado; e que as categorias apenas expressam, conseqüentemente, formas de ser, determinações existenciais, muitas vezes apenas aspectos particulares dessa sociedade determinada, desse sujeito, e que, portanto, também de um ponto de vista científico, [nenhuma ciência histórica, social] começa, de modo algum, no momento em que se começa a falar dela como tal.”

(Karl Marx, *Grundrisse*)¹

Há algumas semanas, surpreendi-me com um de nossos noticiários de televisão, ao ouvir de um telespectador entrevistado ao vivo, na rua, e repetido como verdade revelada, um

¹ MARX, Karl. [1857-1858]. 1977. “Líneas fundamentales de la crítica de la economía política” (*Grundrisse*). Barcelona: Grijalbo. Tomo 21, p. 27 [Trad. J. P. Royo, para o espanhol. Aqui, tradução de trabalho minha].

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

diagnóstico segundo o qual “todos os políticos são corruptos”. A frase não foi criticada nem pelo próprio jornal, nem por qualquer dos demais especialistas entrevistados também ao vivo: todos se comportaram como se, naquela frase, falasse algum saber suprassocial, atemporal, eterno, incontestável e... verdadeiro.

Ocorreu-me então que talvez seja hora agora, quando tanto se fala – e tão pouco se explica – sobre o tal de ‘marketing’ político para o Brasil contemporâneo, de pensar um pouco para ver se se encontra algum substrato para esses saberes ‘de marketing político’, e substrato que já não esteja completamente ideologizado pelos discursos da publicidade e do jornalismo, e por alguns discursos ‘de academia’, no Brasil-2008.

Esse algum saber mais bem construído pode ser relevante, hoje, para que se construam melhores saberes (i) da, sobre e para a sociedade brasileira; e (ii) sobre meios e modos para construir propaganda política de democratização de idéias políticas, no geral; e de idéias socialistas, no que interesse aos partidos políticos socialistas, comunistas e, no geral, aos partidos ‘de esquerda’, no Brasil.

O PRIMEIRO AXIOMA

Assumo, nessa reflexão, alguns axiomas. Em primeiro lugar, assumo que para bem pouco nos servem os saberes do ‘marketing’ publicitário e jornalístico exclusivamente comercial, negocial e mercadológico, para construir propaganda política de democratização para a sociedade brasileira contemporânea. Isso, no geral.

Assumo também que esses saberes publicitários e jornalísticos do ‘marketing’ exclusivamente comercial, negocial e mercadológico podem ser particularmente insuficientes para fazer propaganda de democratização de idéias socialistas, para partidos ‘de esquerda’ no geral, e para partidos socialistas, no específico.

Mercado e democracia são, no mínimo, conceitos diferentes; no máximo, são conceitos incompatíveis e incomensuráveis: ou manda o mercado, ou manda alguma aspiração legítima a alguma melhor democracia com justiça social e justa distribuição de terra, de renda e de oportunidades para todos os brasileiros.

Assumo também que é para que o mercado ‘mande’, que o próprio mercado, cujos interesses espalham-se em mil discursos de publicidade e de jornalismo, ensina a crer em ‘verdades’ aristocráticas e de aristocratização ideológica dos públicos e dos eleitores, como, pra começo de conversa, a conversa acima registrada, de que “todos os políticos são corruptos”. Resultado dessa atividade interessada do mercado, no plano comunicacional,

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

pode ser a frase ‘de repetição’ que se anotou nesse ensaio, acima, segundo a qual “todos os políticos são corruptos”.

É verdade evidente que nem todos os políticos são corruptos. Mas, se forem, num ou noutro momento determinado, passará *ipso facto* a ser dever de qualquer discurso público de democratização, no pólo da produção dos discursos, ensiná-los a não ser corruptos, ou seduzi-los para que não sejam, ou convencê-los a não ser, ou trabalhar para impedi-los de ser.

No pólo comunicacional complementar, na recepção dos discursos públicos de democratização, passará *ipso facto* a ser direito da sociedade aprender a construir os meios e os modos pelos quais a sociedade possa impedir os políticos de serem corruptos, ou pelos quais a sociedade possa trabalhar para que a sociedade não eleja políticos corruptos.

Por hipótese de trabalho, a propaganda política de democratização pode ser proposta como o discurso público ao qual podem ser atribuídas as funções sociais de construir e oferecer discursos de democratização; onde não os encontre, a sociedade pode exigi-los.

Em nenhum caso, quando se vise a democratizar os discursos sociais, interessará apenas repetir – e, assim, repropor, reinventar e reimpor – preconceitos e ideologia ‘de mercado’, mesmo que sejam propostos como os ‘discursos do marketing político publicitário e jornalístico’ que se encontram hoje, circulantes na sociedade brasileira, em 2008.

O CONCEITO MARXISTA DE IDEOLOGIA

Assumo aqui o conceito marxista de “ideologia”, nos termos ultra simplificados mas suficientemente claros para essa reflexão, em que aparece na *Internet Encyclopaedia of Marxism*:

Ideologia é um sistema de conceitos e visadas que serve para ‘explicar’ o mundo, ao mesmo tempo em que encobrem os interesses sociais que se manifestam naqueles conceitos e visadas; pela aparente completude e consistência interna relativa, a ideologia tende a formar um sistema fechado, que se mantém aparentemente coeso, apesar de contraditório e inconsistente em face da experiência. O termo ideologia é usado em inúmeras variantes conceituais, mesmo nos textos marxistas; Terry Eagleton, em seu livro *Ideologies*, lista várias delas (ver a relação, na página acima, na Internet). Para os marxistas, a ideologia deve sempre ser criticada, para que se exponham as contradições internas e os interesses sociais que por ela se manifestam.²

² Na Internet, em <http://www.marxists.org/glossary/frame.htm>

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

Outro conceito interessante de ideologia que se assume aqui, oferecido aos públicos leitores em termos didáticos e claros, é o da Prof.^a Marilena Chauí:

Ideologia é o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação, nas e pelas suas idéias.³

O SEGUNDO AXIOMA

Assumo também, por pressuposto, o que aqui se guarda, nas duas epígrafes. Assumo que a democracia é hoje, como sempre foi, o governo de alguns, aos quais o povo delega poderes por meios reconhecidos legais e válidos e a serem exercidos mediante instituições reconhecidas legais e válidas e controláveis pela sociedade organizada em partidos políticos.

Por esse pressuposto, assumo também que a delegação democrática de poderes e a possibilidade de haver qualquer efetivo controle social sobre as instituições e os mecanismos de delegação de poderes dependem crucialmente de discursos públicos, sejam: (i) discursos didático-educacionais; sejam (ii) discursos de propaganda; sejam (iii) os discursos de prestação de contas (nos quais fale o poder), ou, no outro ponto extremo desse continuum, sejam (iv) os discursos de cobrança de contas nos quais fale a sociedade.

Assumo, portanto, que todas essas relações são relações comunicacionais, aqui pressupostas inseridas na sociedade brasileira contemporânea “espetacularizada” e “mediatizada”.

Nas relações sociais comunicacionais em sociedade “espetacularizada” e “mediatizada”, todos os discursos públicos são mediatizados: tanto os discursos de prestação de contas quanto os discursos de cobrança de contas. Nessas relações, portanto, na hora de ‘cobrar contas’, toda a democracia passa a depender de a sociedade contar com meios adequados para interpretar adequadamente os discursos da prestação de contas.

Não há caminho para que se construam essas vias adequadas para a divulgação e para a interpretação de idéias e discursos democratizantes, se todos os discursos da propaganda se deixarem prender nas malhas-arapucas da ideologia ou, mais especificamente, se todos os discursos da propaganda e da interpretação social da propaganda permanecerem presos entre as malhas-arapucas do hoje chamado ‘marketing’ comercial publicitário e jornalístico.

³ CHAUI, Marilena. [1980] 1981. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense.

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

O MENEXENO, DE PLATÃO

O *Menexeno*, de Platão, entra aqui, adiante, para gerar uma espécie de efeito-demonstração. Nesse texto, Sócrates desconstrói o personagem ideologizado dos discursadores oficiais de solenidades oficiais; nesse sentido, pode-se dizer que Sócrates desconstrói, num quase mesmo universo ideológico, um dos traços ainda hoje presentes no conceito fortemente ideologizado do que seja, hoje, “o político”, entendido como o cidadão representante em assembléias democraticamente constituídas, escolhido por voto recolhido e contado por processos e sistemas considerados legais, legítimos, transparentes e controláveis pela sociedade.

À moda dos sinuosos mas eficacíssimos discursos lógicos dos Sofistas, Sócrates começa por concordar com o discurso ideológico (“todos os políticos são falastrões”), discurso que, no início de sua fala, ele parodia desbragadamente.

A vantagem, me parece, de ouvir Platão, pela fala de Sócrates, sobre um assunto tão vivo hoje como há quase 3.000 anos – e motivo pelo qual incluí aqui esse discurso, para aproveitar-me dele, para um efeito-demonstração –, está no empenho didático de Sócrates. Mais do que repetir, parodiando, o que se dizia pelas ruas, que todos os políticos atenienses seriam ou fariam, Sócrates encontra, no *Menexeno*, um caminho muito eficaz de retórica de propaganda de democratização, para desmascarar o que só adiante receberia o nome de “ideologia”, mas que já então era, sim, pura ideologia.

Isso Sócrates faz, primeiro, pela paródia, engraçadíssima, e que prossegue até o ponto que, no texto, chamei de “o momento da virada maiêutica⁴”.

A partir desse ponto, em tom absolutamente diferente, solene, emocionado e emocionante, Sócrates passa então a mostrar (e, assim, a ensinar!) a *Menexeno* o quê fazer e como fazer para (digamos!) desmascarar a ideologia dos falsos discursos fúnebres ‘dos políticos’ de ideologia e de ocasião.

É quando, afinal, parece-me que se possa dizer que Sócrates, nesse texto maravilhoso, já velho de quase 3.000 anos, ensina a construir discursos públicos de resistência e de desmascaramento da ideologia; são discursos, portanto, de propaganda política de democratização.

(2) Assumo também, por pressuposto, o que se guarda aqui, na segunda epígrafe, de Marx: nenhuma ciência social ou histórica (e os estudos de e sobre propaganda ou

⁴ Pág. 7, adiante.

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

‘marketing’, se ainda não são ciência social ou histórica, bem podem vir a sê-lo algum dia) “começa, de modo algum, no momento em que se começa a falar dela como tal”.

Com isso, assumo que o meu objeto de estudo e reflexão – a propaganda política de idéias políticas – não é objeto que estejamos inventando do zero: ele já existia no mundo, desde antes de começarmos a falar dele, e mesmo que esse momento inicial ‘oficial’ seja demarcado ‘oficialmente’ no início do século 20, nos EUA, no governo de Woodrow Wilson, no “Comitê Creel”.

A propaganda política e também o ‘marketing’ político publicitário e jornalístico, portanto, carregam consigo toda uma pesada carga ideológica na sua própria história, nas suas tradições, na sua história como disciplina acadêmica e nos preconceitos que ou criam ou reproduzem ou ensinam a reproduzir.

Alguns desses preconceitos talvez tenham de ser trazidos à baila, e claramente explicitados e iluminados, antes de que possam ser efetivamente criticados com ânimo de transformá-los, mais do que com simples ânimo de descrevê-los.

Aposto afinal todas as minhas fichas, então, nas idéias de que (i) essa revisitação rápida e superficial a uma fala de Sócrates pode colaborar para iluminar algumas das tradições e dos preconceitos do que se conhece hoje no Brasil como ‘marketing’ político, e que os partidos ‘de esquerda’ conhecem, com algumas diferenças importantes, há muito tempo, como propaganda política de idéias políticas, em mundo político; e de que (ii) o chamado ‘marketing’ político publicitário e jornalístico como é feito hoje, não poderá ser eficaz, como instrumento de democratização em sociedade desigual, se não enfrentar assumidamente os mascaramentos ideológicos, com o explicitado objetivo de denunciar e de desmascarar a ideologia.

A esse conceito de propaganda política, que se começa a tentar construir para denunciar e desmascarar a ideologia, chamo aqui – e ofereço o conceito para discussão – de propaganda política de democratização. Por hipótese inicial de pesquisa, esse conceito e as respectivas práticas sociais comunicacionais não podem ser construídos e alimentados exclusivamente com saberes de publicidade, jornalismo e marketing comerciais e mercadológicos.

SÓCRATES E MENEXENO, IN MENEXENO

Nesse ensaio, escrito entre 387-361 aC., Sócrates e seu aluno Menexeno, personagem assíduo dos Diálogos de Platão, encontram-se na rua. Menexeno diz a Sócrates que acaba de

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

sair de uma reunião do conselho dos ‘maiores’ da cidade, na qual deveriam ter sido escolhidos alguns oradores ‘oficiais’, para falarem em cerimônias fúnebres; mas diz que a decisão ficou adiada para o dia seguinte. Sócrates, então, como que ‘pensa em voz alta’ sobre os discursos fúnebres, mas, em larga medida, sobre todos os discursos que os políticos constroem para oferecer ao povo.

Traduzo aqui alguns trechos dessa longa reflexão⁵. O discurso de Sócrates, no *Menexeno*, começa em tom de desbragada paródia (234c – 236b).

SÓCRATES: Na verdade, Menexeno, o mais interessante que nos pode acontecer é morrer na guerra. Ganha-se uma sepultura bela e grandiosa, por mais pobre que esteja o morto na hora da morte. Além disso, há os elogios, por menores que sejam os méritos do morto, pelos mais sábios da cidade, que não dizem elogios de improviso, mas elogios preparados, às vezes, com meses de antecedência. E o modo de elogiar?! Ah! O morto é elogiado pelas qualidades que tenha e pelas que jamais teve, e com as mais belas palavras, tão belas que nos enfeitam e nos enredam em frases... (...)

Os discursos fúnebres oficiais elogiam de tal modo os mortos na guerra e seus ancestrais [e até nos elogiam, nós que ainda nem morremos e somos hoje, no máximo, mortos virtuais], e o fazem de tal modo, que até eu, Menexeno, que te falo, sinto-me engrandecido por tantos elogios. Até eu, ao ouvir tais discursos, sou persuadido de que, sem saber como ou por quê ou quando, tornei-me maior, mais generoso, mais belo... (...) E tudo isso, por artes do orador!

No que me diz respeito, essa imagem engrandecida de mim mesmo, que aprendo nos enterros, dos discursos oficiais, dura pelo menos três dias... A palavra e a voz do orador, que me entra pelas orelhas, ecoa tão profundamente em mim, que só lá pelo quarto ou quinto dia eu volto a reencontrar-me comigo mesmo e com o pedaço de terra onde vivo. Até lá, às vezes por vários dias, sinto-me cidadão da Ilha das Bem-aventuranças... tão talentosos são nossos oradores.

MENEXENO [ri]: Tu, Sócrates, como sempre, zombas dos políticos. Pois desconfio que, dessa vez, dada a demora para escolher, o orador será obrigado a improvisar mesmo!

SÓCRATES: Mas que bobagem, meu amigo! Seja quem for o escolhido, todos aqueles candidatos têm improvisos já prontos! E, afinal, mesmo que tenham de improvisar, não é difícil, nesses casos. Difícil seria, isso sim, elogiar ateniense para platéia do Peloponeso; ou morto do Peloponeso, para platéia Ateniense. Mas a coisa é fácil, quando se tem de elogiar morto local: então, é só colher os aplausos.

MENEXENO [estranha]: E isso te parece fácil, Sócrates?

SÓCRATES: E por que seria difícil, por Zeus?!

MENEXENO: Mas... tu saberias falar na Assembléia, se fosse preciso e se fosses o escolhido?

SÓCRATES: Claro que sim, Menexeno! Sobretudo porque tenho por mestra uma mulher que é oradora brilhante, da qual se diz, até, que ensinou suas artes a

⁵ Essa é uma tradução de trabalho, feita a partir da versão em francês de Émile Chambry, colhida na Internet, em <http://nimispauci.free.fr/Platon/Platon-Menexene.htm>. As pontuações e comentários dramáticos são meus. Todas as correções e comentários são bem-vindos, para caia.fittipaldi@uol.com.br

Fittipaldi, Caia

Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

vários excelentes oradores, e até ao maior de todos os gregos, a Péricles, filho de Xantipo.

MENEXENO: Estás falando de Aspásia, não é?

SÓCRATES: Ela mesma. E também de Connos, filho de Metróbio. Ele é meu mestre de música; ela, de retórica. Com tais professores, qualquer um aprende a falar. Mas nem precisa tanto! Gente muito menos bem ensinada do que eu também consegue ganhar muitos votos, facilmente, só com elogiar morto ateniense, em Atenas.

MENEXENO: E o que dirias, se tivesses de falar?

SÓCRATES: Idéia minha, não me ocorreria nenhuma. Mas ainda ontem ouvi Aspásia fazer uma oração fúnebre completa para esses mesmos mortos (...).

Menexeno insiste, e Sócrates, depois de algumas firulas, põe-se a discursar como Aspásia – diz ele –, ensinou-o a fazer. Nesse discurso, aqui claramente oferecido como ‘discurso de segunda mão’, paródico, Sócrates demonstra, na prática, como se constroem os argumentos mais sedutores, para uma platéia que o orador conhece como a palma da mão e cujas fraquezas dedica-se a explorar cuidadosamente, uma a uma (236d – 243e).

Sócrates [segundo ele mesmo, imitando Aspásia de Mileto, amante de Péricles⁶]:

Primeiro, lembrar que esses guerreiros já receberam praticamente todas as honras que merecem e só depois de devidamente honrados é que encetaram a fatal viagem. Dessa viagem, agora, só lhes falta andar os últimos metros, acompanhados pelos parentes e pelos cidadãos. Falta receberem, apenas, a homenagem pela palavra, como manda a lei e como é nosso dever homenageá-los agora. É graças aos belos discursos que as ações desses mortos serão convertidas em memória da cidade. (...) Para homenageá-los, nada melhor que seguir a ordem da natureza. (...) Em primeiro lugar, portanto, é preciso dizer que esses mortos foram virtuosos, porque nasceram de famílias virtuosas: elogie-se então a origem nobre do morto. Em seguida, na ordem da natureza, elogiem-se a educação que receberam e a qualidade dos mestres. Depois, basta dizer que, ao longo da vida, e até na fatal guerra final, o morto viveu de acordo com seu nascimento nobre, sua educação nobre e sua instrução nobre.

Quanto à nobreza do nascimento, basta dizer que o morto não nasceu nem de estrangeiros nem de imigrados; que se trata de morto autóctone, que nasceu e viveu em terra nobre, nutrido pela própria mãe nobre, não por ama escrava.

Nesse ponto, aliás, nada mais natural do que elogiar a mãe do morto que é, ela mesma, uma espécie de comprovação natural da origem nobre e nativa.

Em seguida, elogie-se o nosso país, que tanto merece elogios – e não apenas os nossos, mas os de todos os homens, e por muitas razões, a principal das quais, e a mais importante, é que nosso país é a terra escolhida pelos deuses. Isso, aliás, o demonstra toda a História... Se nosso país foi escolhido pelos deuses, quantos o elogiarem, e muito, não farão mais do que sua obrigação. E se se entender que esse argumento seja fraco, basta lembrar os tempos míticos, de antes da História.

Nesse caso, bastará lembrar que, enquanto o resto da terra ainda só produzia animais e bestas, nós por aqui já produzíamos uma radiosa humanidade. (...)

⁶ Ou, para nós, Platão, parodiando o a oração fúnebre que Péricles teria pronunciado, tal como a narra Tucídides nos cap. 35 a 46 do primeiro livro da História da guerra do Peloponeso.

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso 'dos políticos': o *Menexeno*.

É pouco provável que se ouçam vozes discordantes. Mas caso as haja, é demonstrar: em que outra terra se produz o trigo que vemos nascer aqui? Sem trigo, não haveria pão. Sem pão, homens e mulheres morreriam de fome. Mortos, não teriam filhos... Sem filhos, não haveria atenienses. Sem atenienses, não teríamos hoje, um morto ateniense a homenagear. (...) E além do trigo e do pão, temos também aqui o azeite de oliva, que alivia o cansaço dos músculos, depois das longas horas de exercício às quais, por aqui, dedicam-se os adolescentes. Portanto, tendo feito nascer a humanidade, nossa terra também a ajuda a crescer.

E é depois de crescida a humanidade, que encontramos por aqui o que só aqui há, e tanto: os deuses que tão bem nos governam e nos instruem. (Diz Aspásia que não se recomenda, em nenhum caso, listar nomes de deuses. São muitos, todos os conhecemos e, além disso, sempre haveria um de dois perigos: ou esquecermos algum nome divino, ou entediarmos a platéia e entediar, como se diz, até os mortos.) Dos deuses deve-se dizer, isso sim, que nos ensinam todas as artes, da paz e da guerra. Guerra na qual, como no caso de que aqui se trata, tantos morrem para defender nossa terra onde, aliás, tudo começa.

Nascidos portanto, antes de morrer, e assim educados e criados, coube aos ancestrais desse morto nos governar. Para isso criaram um Estado. (Sobre o Estado, diz Aspásia, deve-se sempre dizer algumas palavras. Porque é o Estado que forma os homens que adiante morrem, e que os torna bons, se é um Estado bom; ou maus, se é um Estado mau. Por isso é muito importante – de fato, é indispensável – demonstrar que todos os ancestrais de todos os mortos que se tenha de elogiar nasceram em Estado bom.)

O pai do morto e todos os seus ancestrais, portanto, foram criados em Estado bom e bem regrado, o que fez deles homens virtuosos, do passado mais remoto até hoje. O mais remoto morto desse Estado, como o morto que temos aqui, entregue aos nossos elogios fúnebres, foram homens virtuosos, educados em Estado virtuoso.

Quanto ao governo, nesse Estado virtuoso cujo morto hoje enterramos, foi sempre o mesmo: governo da elite, dos melhores. (...) Uns lhe dão o nome de democracia, outros lhe dão outros nomes, mas a democracia é sempre o governo da elite, com a aprovação do povo. (...) (Sobre a democracia e o governo da elite, diz Aspásia, melhor não se demorar. Tantos poetas e cantores já tanto cantaram em versos a nossa democracia, que se nós nos pusermos a cantá-la também em prosa, correremos o risco de mostrar pior prosa do que os já tantos e tão belos versos que o povo conhece de cor. Dos temas do governo, melhor passar aos temas das batalhas e seus heróis.) Todos os nossos heróis mortos foram heróis da democracia ateniense e de muitas batalhas. (...)

O resultado das primeiras batalhas, devido tanto aos que combateram em Maratona em terra, quanto aos que combateram no mar em Salamina, foi que todos os gregos aprenderam como fazer, e habituaram-se a enfrentar os bárbaros (não a fugir deles).

Depois, quando a guerra generalizou-se, foi a vez de os atenienses terem de pensar em paz, que entre nós também foi resultado de guerras. É portanto muito justo fazer o elogio dos ancestrais desse morto, que tanto lutaram e hoje repousam aqui, porque eles demonstraram que, ao se impor pelas armas a todos os demais povos gregos, os atenienses aprenderam também a enfrentar, como inimigos, os mesmos soldados que, antes, os haviam ajudado a derrotar os bárbaros.

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso ‘dos políticos’: o *Menexeno*.

Elogiemos, no elogio do morto de hoje, os mortos de antes; porque foi pela coragem deles que vencemos não apenas algumas batalhas em terra ou no mar, mas praticamente todas as guerras. Graças a eles, nossa cidade ganhou a reputação de cidadela indestrutível, inexpugnável para qualquer exército estrangeiro; reputação bem merecida porque, quando afinal fomos vencidos, não nos derrotaram armas estrangeiras, mas nossas dissensões e rivalidades; as nossas, não as deles. Fomos e somos invencíveis, ante qualquer inimigo: quando os atenienses somos derrotados, nós nos derrotamos nós mesmos.

O MOMENTO DA ‘VIRADA’ MAIÊUTICA

Nesse ponto, o discurso chegou a um impasse: já não é mais o discurso paródico do início. Pode-se dizer que, até aqui, Sócrates desconstruiu um a um os passos do discurso oficial construído inteiro dentro da ideologia.

Até aqui, Platão construiu, para desconstruir, o discurso ideológico do «todo político é falastrão», que equivale nesse ensaio, pelo pressuposto inicial, a «todo político é corrupto»: essas duas afirmativas são, equivalentemente, discurso da ideologia.

O movimento retórico é muito bonito e merece registro.

Até mesmo a construção pleonástica – ἡμεῖς δὲ αὐτοὶ ἡμᾶς αὐτοῦς καὶ ἐνικήσαμεν καὶ ἠττήθημεν –, literalmente: «nós a nós mesmos vencemos e [por nós mesmos] fomos derrotados» –, é fortemente reflexiva, nos dois sentidos da palavra: (i) como uma flexão, de volta para o início, ou para um marco-zero fundamental; e (ii) também como um movimento de conscientização e de autoconscientização. Em português, como em grego, Platão serve-se, nessa frase, de, no mínimo, quatro diferentes modos morfossintáticos repetidos, de dizer «nós», dois pronomes de primeira pessoa no plural e as duas correspondentes desinências verbais. Desse ponto em diante, a partir de uma conjunção adversativa (‘contudo’), o discurso assume outro tom, no qual já nada há de paródico.

Pode-se dizer também que a maiêutica – o método socrático de ‘fazer nascer o convencimento, pela verdade lógica demonstrada, na mente do interlocutor’, que em praticamente todos os outros textos platônicos assume quase sempre a forma dialogada, de perguntas e respostas mais curtas (braquilogia) – ganha, aqui, traços retóricos e estilísticos de prosa ou, mais especificamente, de ensaio, de demonstração de idéias (245e – 249d).

SÓCRATES [prosegue seu discurso]: Contudo... quantos bravos soldados perdemos em Corinto pela desvantagem de combater na planície, e em Lecaonte, pela traição! Também são heróis, que libertaram o rei e expulsaram dos nossos mares os Lacedemônios. Falo-te deles, Menexeno, para que tu não os esqueças. Por ti, por mim e por todos os atenienses, deves juntar tua voz e teu elogio aos meus, para que elogiemos, nesse morto tão lembrado, todos os nossos outros mortos esquecidos.

Fittipaldi, Caia
Platão e o discurso 'dos políticos': o *Menexeno*.

O morto aqui honrado é um herói ateniense. Muitos mais atenienses há a elogiar nesse morto, e passaríamos dias e noites aqui, a listar-lhes os nomes. Mas é preciso lembrá-los porque esses outros mortos menos elogiados também deixaram filhos atenienses órfãos, e a esses órfãos todos os cidadãos têm hoje de falar, também. Imaginem todos, então, que lhes falo agora, pela boca de milhares de atenienses mortos, porque, assim como todos somos filhos dos heróis mais nobres, somos filhos também de milhares de heróis sem nome. Esses heróis falam, pela minha boca, aos seus filhos e aos filhos de seus filhos. Eis o que dizem:

«Filhos... Que vocês são filhos de homens valorosos, basta essa homenagem para demonstrá-lo. Poderíamos ter vivido sem honra, mas nunca o fizemos, para não condenar vocês à nossa infâmia, nem vocês e sua posteridade nem os nossos ancestrais. Porque sempre soubemos que a vida é impossível para o homem que desonra os seus; e que um homem sem honra não será jamais amado, nem entre os homens nem entre os deuses e nem antes nem depois da morte.

Não esqueçam, portanto as nossas palavras. Tudo quanto façam, façam-no com virtude, porque sem virtude tudo o que se conquiste e tudo o que se faça transforma-se em vergonha e em mal. Nem a riqueza basta, por ela só, para dar brilho ao rico, porque não é para si, mas para os outros, que os ricos são ricos. A riqueza para si é como a força física para o covarde: mais castigo que prêmio, porque quanto mais forte o covarde, mais a força faz visível a covardia.

Nenhuma ciência é saber, separada da justiça e das outras virtudes. Se o pai é superior ao filho em virtude, essa vitória lhe traz vergonha; assim como a derrota ante um filho mais virtuoso cobre o pai de honra e felicidade. Por isso, o melhor caminho para que vocês, nossos filhos, nos vençam em virtude, é jamais tentarem viver só das glórias dos nossos ancestrais. Não tem honra o filho que não constrói a própria honra e exaure a honra dos ancestrais. Essa é a lição dos heróis mortos, a ser ensinada aos seus filhos e aos filhos dos seus filhos, no elogio fúnebre dos heróis mortos.

(...) Quanto à cidade, que ela se encarregue de cuidar, por nós, dos nossos pais e dos nossos filhos, criando e educando decentemente os mais moços e acudindo os mais velhos nas necessidades da velhice e da invalidez. Nossa morte é paz, de sabermos que nossa cidade não os desampará.

(...) Quanto ao Estado, que faça mais do que já fez: que crie leis que amparem os filhos e os pais dos que morrem em guerras; que a mais alta magistratura do Estado cuide melhor deles, do que nós cuidaríamos, porque são homens de mais poder que nós; e que cuidem deles para que nem os filhos nem os pais dos guerreiros mortos sejam jamais vítimas de qualquer injustiça cuja prática possa ser impedida por força humana. Que o Estado garanta boa educação às crianças e que as ajude a esquecer a desgraça da orfandade. Que as crianças sejam poupadas de todas as dores, seja qual for o erro que cometam: esse é o melhor modo de o Estado homenagear seus mortos e seus vivos e de ensiná-los a receber o benefício que sempre se tem tanto de aprender a dar quanto de aprender a receber. (...) E agora, que todos choramos os mortos da cidade, reunidos e conforme a lei e a tradição, deixemos dormir os mortos e voltemos à vida normal. Vamos em paz.»